

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - PB**  
Centro de Humanidades - Unidade Acadêmica de Ciências Sociais  
CEDRUS - Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável

**A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES RURAIS  
DO DISTRITO DE SAPUCARANA – BEZERROS – PE  
NO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

**Marcos Antonio Couto Silva**

**Campina Grande, 2007.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

**Centro de Humanidades - Unidade Acadêmica de Ciências Sociais**

**CEDRUS - Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável**

**Monografia apresentada a UFCG Universidade Federal de Campina Grande no Programa de Pós Graduação do Centro de Humanidades, através do CEDRUS - Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável para obtenção do título de especialista em Desenvolvimento Rural Sustentável.**

**Marcos Antonio Couto Silva**

**Orientadora: Marilda Aparecida de Menezes, Socióloga (UFSC/FSA, 1978); Doutora em Sociologia (U. Manchester, 1997); Professora da UFCG - Campina Grande - PB**

Campina Grande, 2007



S586p Silva, Marcos Antonio Couto.

A participação dos jovens trabalhadores rurais do Distrito de Sapucarana -Bezerros - PE no desenvolvimento rural sustentável. / Marcos Antonio Couto Silva. - 2007.

52 f.

Orientadora: Professora Dra. Marilda Aparecida de Menezes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável (CEDRUS).

1. Desenvolvimento rural sustentável. 2. Jovens trabalhadores rurais. 3. Território do Agreste Central de Pernambuco. 4. Relações sociais - jovens trabalhadores rurais. 5. Distrito de Sapucarana - Bezerros - PE. 6. Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA. 7. Agentes de desenvolvimento local - formação. 8. Sociologia rural. 9. Bezerros - PE - juventude rural. I. Título. II. Menezes, Marilda Aparecida de.

CDU: 316.334.55(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626



Biblioteca Setorial do CDSA. Novembro de 2022.

Sumé - PB

**A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES RURAIS  
DO DISTRITO DE SAPUCARANA – BEZERROS – PE  
NO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

**Marcos Antonio Coutó Silva**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**Aprovado em** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Nota:** \_\_\_\_\_

## *Dedicatória*

*Dedico este trabalho a meus Pais Mafaldo Pereira Silva e Anete Ângela Couto Silva que souberam compreender a minha ausência nos momentos de construção do conhecimento em  
minha vida.*

*Dedico também aos amigos Adelson Freitas, diretor de Política Agrícola da FETAPE, a Chico Dantas diretor do SERTA e Frei Juvenal Bonfim, OFM, os quais sempre usaram de  
otimismo para que eu seguisse adiante nessa estrada do saber.*

*Dedico enfim, a todos os jovens de Sapucarana e ao companheiro Anselmo que acreditam na  
viabilidade do desenvolvimento de forma sustentável, os quais contribuíram sem medir  
esforços na realização deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus autor da vida e do conhecimento que permitiu que eu chegasse até aqui, através dos meus pais Anete e Mafaldo. Agradeço de maneira especial aos Jovens Aldabiran, Charbonor, Joseane, João Paulo, Arthur, Valmis, Alderson, Marcelo, Júlio César, Joel, Cidney, Dameão, atores principais na realização desse trabalho.

Quero agradecer a incansável estimuladora e incentivadora das pesquisas sobre juventude, Professora Dra. Marilda Menezes, minha orientadora, que sempre se fez presente com suas intervenções, reflexões, questionamentos, correções e críticas, ajudando-me a fazer um aprofundamento maior sobre a juventude e o Desenvolvimento Rural Sustentável.

Agradeço a equipe do SERTA, através das pessoas de Francisco das Chagas Dantas e Abdalazis de Moura que sempre disponibilizaram ferramentas para que eu pudesse construir tal conhecimento.

Agradeço ao MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário por ter disponibilizado os recursos públicos através da Secretária de Desenvolvimento Territorial – SDT, numa parceria com o Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG sempre presente através da Coordenação e do Colegiado do CEDRUS, especialmente na pessoa da Mestra Socorro Silva, grande incentivadora da construção do conhecimento, em especial da Educação do Campo.

Agradeço aos companheiros (as) do Território Agreste Central através do Fórum de Desenvolvimento Rural Sustentável, em especial ao grande colaborador João Rafael, estagiário do PDHC, que se fez presente nas discussões e reflexões sobre o tema abordado.

Através do Presidente da FETAPE Aristides Santos, quero agradecer a toda a diretoria e a todos os colegas de trabalho por terem compreendido a importância da construção desse trabalho, que Oxalá, sirva como instrumento na construção inovadora de uma sociedade sustentável.

Quero agradecer também a toda a equipe do CEDRUS/CH/UFCG, em especial a Janine Dias que dedicou grande parte do seu precioso tempo em atenção a nossa turma e Jairo Bezerra que observou todos os detalhes na construção dessa monografia.

A toda turma CEDRUS um muito obrigado cheio de amizade sincera. Ao amigo e irmão de raça Antonio Carlos, a Gerusa, Jerônimo, Orlando, Lucimar e Lucinha, que na caminhada se destacaram por se tornarem parceiros (as), cúmplices do mesmo objetivo, Por fim, agradeço a todos e todas que contribuíram de forma direta ou indireta na construção dessa monografia.

## *Resumo*

Este trabalho envolve um repensar das relações sociais vivenciadas no território Agreste Central Pernambucano, levando-nos a incluir uma abordagem sobre a juventude no Desenvolvimento Rural Sustentável. Aparecerão como atores sociais os jovens de Sapucarana, Bezerros – PE, que foram selecionados para o projeto “Desenvolver o Território”, sob a coordenação do SERTA Serviço de Tecnologia Alternativa, com a finalidade de formá-los Agente do Desenvolvimento Local – ADL, baseando-se em quatro áreas básicas da formação: pessoal; cidadã; tecnológica e negócios, na perspectiva de torná-los protagonistas de suas histórias de vida.

### *Abstract*

This work involves one to rethink of the social relations lived deeply in the territory Central Wasteland Pernambucano, take-in including a boarding on youth in the sustainable agricultural development. The young of Sapucarana will appear as social actors, Year-old calves - FOOT, that they had been selected for the project "To develop the Territory", under the coordination of the SERTA Service of Alternative Technology, with the purpose to form them Agent of the Local Development - ADL being based on four basic areas of the formation: staff; citizen; technological and businesses, in the perspective to become them protagonists of its histories of life. .

# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

**Centro de Humanidades - Unidade Acadêmica de Ciências Sociais**

**Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável**

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADL – Agente do Desenvolvimento Local

AFABE – Associação dos Filhos e Amigos de Bezerras

AMPAS – Associação de Moradores e Produtores de Sapucarana

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social

CEBS – Comunidades Eclesiais de Base

CEDRUS – Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável

CH – Centro de Humanidades

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

FETAPE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JUPOC - Jovens Unidos pela Organização Comunitária

ONG - Organização não Governamental

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PEADS – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar

PT - Partido dos Trabalhadores

PTDRS - Plano de Desenvolvimento Territorial

SEPLANDES – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social

SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa

TAM – Transporte Aéreo Marília

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO I – Juventude Rural de Sapucarana e o Desenvolvimento Rural Sustentável</b>	12
1.1 A vida na Vila de Sapucarana, suas memórias e seu presente.	13
1.2 . Juventude rural: uma breve análise da literatura	17
1.3 A participação da juventude no Desenvolvimento Rural Sustentável	19
1.4 Um enfoque sobre Desenvolvimento Rural Sustentável.	20
<b>CAPITULO II – O SERTA e a Formação dos jovens ADL</b>	24
2.1. Histórico.....	24
2.2. Da Organização .....	24
2.3. Trabalho com Jovens: Formação do ADL..	25
<b>CAPITULO III – Os Impactos Econômicos e Sociais do Projeto Desenvolver Território</b>	29
3.1 – Potencial do desenvolvimento sustentável e a juventude rural	29
3.2 – Projeto “desenvolver o território” .....	30
<b>CAPITULO IV – A juventude de Sapucarana, Desafios e Formas de Organização</b>	35
4.1 – A juventude e os Desafios	35
4.2 – As Experiências dos Jovens de Sapucarana.....	37
4.2.1 – A experiência de Marcelo	38
4.2.2 – As Experiências de Arthur	39
4.2.3 – As Experiências de Rodrigo	41
4.2.4 – As Expedriencias de Valmis	42
4.3 – Desafios Enfrentados pelos Agentes do Desenvolvimento Local (ADL) de Sapucarana	43
4.4 – Projeto de Criação e Comercialização de Aves	45
4.5 – Participação no Conselho Tutelar	46
4.6 – Os Impactos Econômicos	47
4.7 – Fundação Santuário das Comunidades	48
<b>Considerações Finais</b>	49
<b>Bibliografia</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar as diferentes formas de inserção dos jovens rurais na perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável a partir das dinâmicas vivenciadas no projeto “Desenvolver o Território”, coordenado pelo SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa. Trazer à discussão a realidade da juventude rural do agreste central nos remete a pensar nos caminhos alternativos do processo de migração desses jovens para os grandes centros urbanos. A permanência no campo se constitui, no momento, enquanto um dilema a ser enfrentado devido à fragilidade de políticas públicas específicas para os jovens no sentido do Desenvolvimento Rural Sustentável.

No primeiro capítulo faremos uma abordagem sobre a juventude rural de Sapucarana e as contribuições teóricas de autores nas discussões sobre o tema. Descrevemos o local através das Memórias de Sapucarana e adotamos a perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável por ser aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações. Considerando o ser humano como o centro de toda e qualquer ação e partindo de suas necessidades vitais: social, psicológica e histórica, que focalizaremos nos capítulos II e III a participação dos jovens do Distrito de Sapucarana na formação de ADL, sob a coordenação do SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa, no projeto “Desenvolver o Território”. Quando percebi as formas metodológicas e pedagógicas utilizadas pelo SERTA, envolvendo os jovens e adolescentes como protagonistas de suas histórias surgiu a minha motivação para estudar a temática juventude rural.

Este caminho deu-se através dos seminários de Educação do Campo realizados pela CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, em parceria com o SERTA nos intercâmbios sobre as formas de buscar sustentabilidade do campo, em visualizar a participação dos jovens do meio rural como co-construtores de uma realidade de fomentar o Desenvolvimento Rural Sustentável. Enquanto por outro lado, a juventude continua na invisibilidade principalmente nas discussões dos Fóruns Territoriais de Desenvolvimento Rural Sustentável e nos planejamentos dos territórios rurais. Tal reflexão provocou uma discussão no Território do Agreste Central, do Fórum de Desenvolvimento Territorial e nas oficinas de Educação do Campo percebendo-se que se fazia necessário um trabalho específico voltado para a Juventude. Em conversa com o SERTA pensamos que seria interessante elaborar uma proposta para sistematizar informações sobre a participação da juventude no Desenvolvimento Rural Sustentável. Daí foi comunicado pela coordenação estadual da SDT – Secretaria do Desenvolvimento Territorial que estava havendo uma seleção no CEDRUS –

Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável, na UFCG/CH e que os interessados deveriam ser encaminhados pela coordenação local. Ao encaminhar toda documentação participei do exame de aprovação por uma banca examinadora e logo em seguida ficou definido que o tema a ser desenvolvido por mim seria sobre a participação da Juventude Rural no Desenvolvimento Rural Sustentável. Voltando para o território foram realizadas várias reuniões na comunidade de Sapucarana com o Grupo de Jovens e toda a associação de moradores. Marcamos as reuniões no grupo focal onde compareceram os jovens os quais foram entrevistados. Entrevistei também uma participante do Comitê Gestor, uma liderança da comunidade e um diretor do SERTA. Durante o desenvolvimento da pesquisa numa das conversas com os jovens de Sapucarana, eles solicitaram que fosse mostrado as memórias de Sapucarana com as fotos ilustradas neste trabalho.

Por fim, pretendo através deste estudo, contribuir para que os jovens sejam vistos como protagonistas na participação do Desenvolvimento Rural Sustentável e não fiquem mais uma vez na invisibilidade e mostrar também que o trabalho de formação realizado pelo SERTA forma as pessoas para a vida, na construção do Desenvolvimento Rural Sustentável.

## CAPITULO I

### **Juventude rural de Sapucarana e o Desenvolvimento Rural Sustentável**

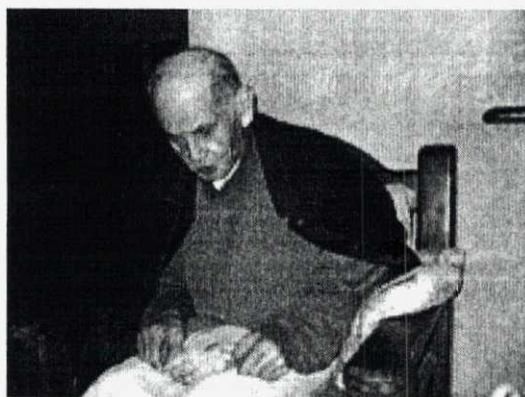
A construção da perspectiva teórica do Desenvolvimento Rural Sustentável envolve um repensar acerca das dimensões e das relações sociais vivenciadas no território Agreste Central, no Estado de Pernambuco. “A teoria do Desenvolvimento Rural Sustentável se orienta por duas perspectivas: uma crítica da mercantilização da natureza e outra que constata a possibilidade de um equilíbrio entre ecologia e economia, no atual modo de produção”. Sepulveda (2005).

A inclusão de uma abordagem sobre a juventude nos remete a uma nova concepção em reconhecer a sua participação no processo de Desenvolvimento Rural Sustentável, combatendo assim, as raízes das exclusões sociais dos jovens, mulheres e idosos. Existem políticas que contemplam diretamente a juventude, principalmente os jovens que vivem na zona rural com as políticas públicas federais de acesso a terra, através do Programa Nacional de Crédito Fundiário, “minha primeira terra” e do Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar- “PRONAF Jovem”. No entanto tem-se avançado muito pouco, devido às regras de o programa ser direcionadas às famílias, o que mantém o poder patriarcal, onde o homem é considerado o chefe da família, o cabeça da casa, a única fonte de renda, com isso torna-se difícil o acesso aos créditos pelos jovens e pelas mulheres. Como prova disso temos a realidade que entre os anos de 2005/2006 foram realizados apenas 139 contratos pelo Banco do Nordeste para os jovens, com um resultado dessa natureza, dá para perceber que as políticas públicas sociais ainda são bastante frágeis em relação ao acesso pela juventude rural. Mediante a realidade dos jovens rurais este trabalho baseia-se no desafio de elaborar uma provocação em relação às políticas públicas que atendam aos jovens de um modo geral, como também, propor repensar os próximos PTDRS - Planos Territoriais de Desenvolvimento Rural Sustentável do Território Agreste Central para que possam contemplar a juventude. Aparecerão como atores sociais alguns jovens do Distrito de Sapucarana, município de Bezerros, membros do JUPOC - Jovens Unidos pela Organização Comunitária, ligados à Associação de Moradores e Produtores Agropecuários de Sapucarana – AMPAS, que foram selecionados para participar de um projeto elaborado pelo SERTA (Serviço de Tecnologia

Alternativa<sup>2</sup>) que tem por tema “Desenvolver o Território”. Este projeto contempla alguns municípios da zona da mata e do agreste do Estado de Pernambuco e tem por finalidade um novo aprendizado a partir de uma co-participação e parceria do SERTA, dos gestores públicos municipais, integrando os jovens no seu meio social e na perspectiva da formação de Agentes do Desenvolvimento Local – ADL. Para uma melhor compreensão apresentarei adiante uma contextualização do lugar de origem dos jovens

### **1.1 – A vida na Vila de Sapucarana, suas memórias e seu presente.**

Lugar antigamente denominado de Sapucaia porque ali havia árvores em grande profusão desta denominação, não exatamente onde se situa a sede desse Distrito, mas um pouco abaixo no Sítio Sapucaia Grande onde existia também um casarão e um engenho pertencente ao senhor Valdevino que era padrinho do senhor Manoel Francisco da Silva que hoje tem 93 anos, casado a 67 anos com Joana Euzébio de 91 anos, conhecida por todos como D. Joanhinha que reza mal olhado há muitos anos e acolhe a todos que chegam em sua casa com muito carinho. Seu Manoel mais conhecido como seu “Mané Xicum” é um dos mais idosos da Vila e lembra com muita saudade de como era antigamente a Vila de Sapucarana.



Sr. Manoel Euzébio

---

<sup>1</sup> - O SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa é uma organização não governamental, com quinze anos de experiência no campo da mobilização, organização, capacitação, da animação e organização comunitária, visando à construção de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais e urbanas do Nordeste do Brasil.

<sup>2</sup> - Projeto Desenvolver o Território – é um projeto resultante de uma seleção de projetos sociais enviados para o programa PETROBRÁS FOME ZERO – PETROPRÁS

Ainda com a denominação de Sapucaia, a Vila foi emancipada, permanecendo Sede do Município do mesmo nome. Todavia, diferentemente de outras localidades também emancipadas na mesma época, faltaram-lhe condições orçamentárias e estruturais para manter a nova posição, retornando a anterior condição de Distrito de Bezerros, desta feita com denominação de Sapucarana. Segundo as informações de seu Manoel, essa emancipação durou um mês e teve como prefeito Antônio Porcidônio, hoje falecido. Mas foi, aproximadamente, a partir do ano de 1970 começaram a cultivar o tomate na região, pois suas terras eram muito férteis, argilosas com clima favorável para a cultura, cuja produção maior tinha mais força nos meses de novembro a fevereiro com exportação em média de 15 toneladas por dia para comercializar, inclusive no sul do país.

Na atualidade esse quadro de produção decaiu muito, porque não houve um cuidado com as terras que eram férteis. As matas foram destruídas para a plantação do tomate ser “reposta, a ganância foi tanta que agora os produtores estão migrando para outras regiões a procura de terras férteis pois as terras do nosso lugar, por falta de cuidados, foram destruídas, e junto com elas as fruteiras e os cafezais. Sr. Manoel lembra com saudades dos tempos em que havia ao redor de Sapucarana uma imensa beleza natural “a mata virgem” e lamenta a falta de consciência do homem que destrói e não pensa no futuro.



D. Joaquina

No mês de fevereiro acontece a tradicional festa do Padroeiro São Sebastião, que há muitas décadas vem reunindo pessoas de vários lugares principalmente do estado de São Paulo que vêm prestigiar esse movimento de fé e cultura. A igreja de São Sebastião é um monumento construído no ano de 1960 pelo pedreiro Salu e no decorrer dos anos

foram havendo reformas e hoje sua beleza é tanta que encanta a todos que a visita. Normalmente aos domingos e dias santos há celebração de missas e são praticados outros atos religiosos durante todo o ano.

Atualmente, a Vila de Sapucarana está crescendo muito, várias ruas foram formadas e outras ainda estão sendo construídas, apesar de não haver uma organização dos poderes públicos na contribuição do melhoramento de vida da comunidade, a população continua crescendo. Temos aqui na Vila a Creche Pequeno Príncipe situado na Rua Capitão Antônio Soares mais conhecida por rua do Cemitério pois lá também fica o cemitério de Sapucarana. Portanto, essa é um pouco da história do passado e do presente da Vila de Sapucarana que apesar das dificuldades que a população enfrenta tem seus valores e é reconhecida por ser um lugar acolhedor e solidário com aqueles que dela precisam.



Vila de Sapucarana em 2007

O Distrito de Sapucarana fica a 17 km da sede do município, tendo seu acesso principal pela BR 232, no sentido de Bezerros / Caruaru. Conta com uma população de aproximadamente 6.000 (seis mil habitantes) (IBGE, 2000). Como forma de organização local existe um Grupo de Jovens há 15 anos, o qual deu origem a Associação de Moradores e Produtores de Sapucarana – AMPAS, com 150 associados inscritos, onde 70 são participantes ativos, dentre eles 20 são jovens e 15 participam do projeto “Desenvolver o Território” no SERTA.

Localizado numa região serrana, onde no inverno predominam as baixas temperaturas. Os jovens se organizam entre eles na busca de vencer a ociosidade praticando atividades lúdicas e esportivas como: voleibol, teatro, danças e música. Existem projetos que são encaminhados pelo poder público municipal para o distrito,

mas os participantes do grupo de jovens não têm acesso, devido a manipulação de um vereador local, por se tratar de oposição política partidária.

A cidade dos Bezerros situada no território do Agreste central, a 108 km da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco é conhecida pelas suas tradições culturais das artes plásticas, nas folias de PAPANGUS, (figura folclórica do carnaval), das artes gastronômicas e da agricultura familiar. O município é contemplado por um grande acervo ecológico e cultural, a Serra Negra, que é palco das atenções visitado por pessoas de todas as partes do mundo. O município dos Bezerros limita-se com os municípios de Cumaru, Agrestina, São Joaquim do Monte, Gravatá, Sairé, Camocim de São Félix, Caruaru e Riacho das Almas, Contando com uma população de 57.371 mil habitantes, dos quais, 12.805 vivem na zona rural (IBGE, 2000). Tendo uma extensão territorial de 493 km<sup>2</sup>.

A economia do município é oriunda da agricultura familiar, olericultura, turismo e artesanatos. Os recursos hídricos provêm da barragem de Jucazinho, situada nos municípios de Riacho das Almas, Frei Miguelinho, Surubim e Cumaru. Dispõe da educação em nível médio e fundamental, além de cursos profissionalizantes da Escola Agrícola do município e da Escola Técnica Agrícola Federal do município de Vitória de Santo Antão. Quanto ao ensino superior os estudantes seguem para os municípios de Caruaru, Belo Jardim, Vitória de Santo Antão e Recife. Segundo os jovens entrevistados, "as escolas do Distrito de Sapucarana dispõem do ensino fundamental e médio considerado um dos melhores do município, mediante o nível de aprendizagem dos estudantes do local e do índice de aprovação nos concursos, a exemplo, da seleção na Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão, onde se obteve a primeira, terceira e sétima colocações no ano de 2006, como também nas conquistas dos jogos municipais, dos quais são campeões gerais pela nona vez seguida, disputando entre mais de 25 escolas do município.

Grande tem sido a desigualdade social devido à economia local que se dá pelos plantios de tomate e repolho, pertencentes a três grandes plantadores e quatro latifundiários, os quais, a partir do controle da economia local, através da concentração dos meios de produção, determinam o poder local. As pessoas trabalham a mão de obra temporária, devido à falta de terra e de água para desenvolver uma agricultura familiar de subsistência. As famílias que ainda têm pequenas propriedades, aproximadamente

entre um e três hectares, têm sido afetadas pelo uso de agrotóxicos que comprometem o solo, as nascentes, a fauna e a flora, e, conseqüentemente, a vida das pessoas.

Existe o período de entressafra onde os agricultores ficam ociosos, tendo que migrar temporariamente, para o agreste meridional e sertão para trabalhar como mão de obra temporária, “alugado”, nas plantações de tomate e repolho dos outros municípios. A falta de terra é uma questão crucial para todas as famílias de Sapucarana, levando-as a uma eterna dependência dos grandes produtores de tomate e dos latifundiários.

Pelo que se apresenta na região do Agreste Central Pernambucano, onde a vida está ameaçada pelo forte uso dos agrotóxicos, os jovens nas suas inquietudes buscam formas alternativas de aprendizados em defesa da vida, participando de capacitações sobre desenvolvimento rural sustentável e agro ecologia, tornando-se para eles, desafios a serem enfrentados, tais como: políticas setorizadas; construção de agenda política do desenvolvimento rural para a agricultura familiar; combate à pobreza rural, ao desemprego e à violência; ter políticas públicas estruturantes; ter a pluriatividade como “eixo” estratégico do desenvolvimento rural sustentável, visto que, “uma política de desenvolvimento rural voltada para a juventude não pode limitar-se à agricultura”. Na parte seguinte trataremos com mais ênfase a perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável.

## **1.2 - Juventude rural: uma breve análise da literatura.**

O tema da juventude sempre esteve presente e é considerado uma problemática para muitos pesquisadores das Ciências Sociais. Nas Ciências Sociais, por vezes se trabalhou com uma idéia genérica de juventude, em outros momentos se enfatizou as especificidades no interior desta (Cardoso; Sampaio; 1995). Os estudos sobre a juventude indicam que devemos percebê-la como uma construção social, cultural e histórica dinâmica e intimamente ligada às transformações da sociedade. É preciso pensar juventude e sociedade em termos de reciprocidade total (Mannheim, 1968), ou seja, juventude designa um conjunto de relações sociais vivenciadas em um determinado período histórico.

Para P. Àries (1986), a juventude é uma noção que emerge com a modernidade, baseado em dois processos fundamentais: a) as mudanças ocorridas na organização familiar a partir do século XII, a família passa a organizar-se em torno da criança

erguendo entre ela mesma e a sociedade o muro da sociedade privada; b) a juventude surge como um fenômeno social moderno, basicamente nos setores da burguesia e da aristocracia, que podiam manter seus filhos longe da vida produtiva e social, enviando-os para escolas e liceus para prepará-los para funções futuras.

A Sociologia da Juventude compreende o grupo de jovem agricultor como uma condição social dentro de processos de socialização e atribuição de papéis sociais. A noção de juventude seria, portanto, resultado de processos de modernidade que constroem a individualização e distinguem a esfera privada (família) da pública (escola). Para Wanderley (2006, p.11), em seu novo trabalho de pesquisa que trata da temática juventude rural “(...) a juventude corresponde a um momento no ciclo de vida, caracterizado como um período de transição entre a infância e a idade adulta”. Como afirmam Olivier Galland e Yves Lambert (1993) apud Wanderley (2006 p.11), autores de uma grande pesquisa sobre os jovens rurais na França, tratam-se “desta etapa do ciclo de vida que vai da saída da adolescência ao acesso progressivo à autonomia nos domínios cívicos (maioridade civil), residencial (residência independente), econômica (recursos próprios) e familiar (independência em relação aos pais, formação de um casal)”. Faz-se necessário reconhecer que a juventude não é apenas um processo transitório e sim um segmento social.

No mesmo sentido, para John Durston (1998<sup>a</sup>), o termo juventude pode definir-se como etapa de vida que começa com a puberdade e termina com o momento de assumir plenamente as responsabilidades e a autoridade do adulto, isto corresponderia à formação de uma unidade familiar economicamente independente. Neste contexto, o estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaço distinto e superposto, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade.

As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado – e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se interligam e, através delas emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural.

Por sua vez, uma pesquisa realizada em Orobó (Paulo, Wanderley, 2005), apud, Wanderley, (2006 p. 12), revelou também que para os jovens então estudados, “a

*juventude, mais do que corresponder a uma determinada faixa etária, está associada a valores e atitudes diante da vida*". "Em primeiro lugar, a juventude é associada à liberdade e à alegria de viver, o que aponta para certo "descomprometimento" em relação a responsabilidades presentes, mesmo quando se fala em liberdade com limites". Nesse entendimento é uma fase de descobertas das "atividades lúdicas (brincar, divertir-se) e a à sexualidade (namorar)".

Em segundo lugar, observa-se, também, como um período de transição, de amadurecimento futuro dessas dimensões de cidadania (Abramo, 2005. p.45). Por outro lado, a sociologia não se prende a juventude pela questão etária por não ser determinante para caracterizar uma categoria sociológica. Para Stropasolas,(2002, p.150) juventude é pois uma palavra que dissimula disposições e posições extremamente diferentes em virtude das quais uma juventude ou a juventude, é pouco tomada em consideração. A palavra consistiria, segundo este ponto de vista uma ficção e não teria, em consequência, sua razão de existir.

A idéia central é a de que a juventude é o estágio que acontece a entrada na vida social plena e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidade e independência mais amplas do que os da criança e não tão completos quanto os dos adultos.

### **1.3 - A Participação da Juventude no Desenvolvimento Rural Sustentável.**

As definições apresentadas nos levam a uma compreensão melhor sobre juventude e a estruturação do seu modo de vida, nesses conceitos, no limite de idade do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que compreende (15 a 24 anos), juventude passa a ser considerada nesse trabalho de pesquisa como uma categoria histórica, cuja concepção é variável de acordo com as condições materiais e culturais, na construção de desafios em elaborar uma provocação em relação às políticas públicas que atendam a juventude de um modo geral.

A participação e as contradições da juventude no setor agrícola e no âmbito rural são estruturais e permanentes, e deve-se abordá-las não somente na dimensão social, mas também na dimensão econômica do Desenvolvimento Rural Sustentável Local. A juventude rural constitui um ator estratégico em termos de vantagens cooperativas voltadas para a formação do capital humano, que é necessário para impulsionar a formação de cadeias agro alimentares, aproveitando as tecnologias da informática e, no

geral, para elevar a competitividade da agricultura. Isso faz com que se torne presente como agente-chave de desenvolvimento na dimensão econômica. Por outra parte, “uma juventude rural empobrecida converte-se, de certa forma, em agente multiplicador “ideal” para a transferência intergeracional da pobreza”. (IICA, 2005, pg. 49).

A juventude remete a uma nova concepção em reconhecer a sua participação no processo de Desenvolvimento Rural Sustentável, nas tentativas de combater as raízes das exclusões sociais dos jovens, da fragilidade das políticas que contemplem diretamente os (as) jovens que vivem na zona rural. Veremos que os jovens rurais assumem, desde cedo, obrigações e responsabilidades, a partir da herança profissional de gerações anteriores.

A incorporação dos saberes vinculado a práticas agrícolas permite-lhes maximizar a utilização de recursos naturais, econômicos e sociais, garantindo a unidade familiar camponesa. A juventude tem ampliado sua visão real na perspectiva de um conhecimento teórico vinculado à prática rural e a fixação no campo. Ou seja, além do aprendizado incorporado na família, os jovens buscam agregar novos conhecimentos que lhes possibilitem a permanência no campo.

Partindo desses pressupostos, verificamos que no distrito de Sapucarana existe uma sinalização positiva da participação dos jovens nas esferas das organizações sociais, participando da vida ativa da comunidade através do grupo de jovens da associação de moradores, do Conselho Tutelar Municipal, do Conselho de Desenvolvimento Rural, da Igreja, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Família. A participação dos jovens na unidade familiar é verificada através da busca de melhoria de vida. Por se tratarem de agricultores familiares que vivem do “trabalho alugado”, eles enfrentam situações difíceis de sobrevivência, passando períodos distantes do convívio da família, quando precisam trabalhar fora da região circunvizinha de seu município.

Além dessa participação, os jovens vivenciam uma série de limitações quanto ao atendimento de suas necessidades sociais. As faltas de emprego, de lazer provocam certa ociosidade na juventude de Sapucarana, levando-os a uma constante migração para os centros urbanos, a procura de formas de sobrevivência.

A alternativa da migração temporária, no entanto, não é a única entre os jovens de Sapucarana, mas, alguns jovens ligados à Associação de Moradores se dedicam às

formas alternativas de sobrevivência através de projetos sociais, adquiridos através da parceria com os movimentos sociais da região do agreste central

#### **1.4 - Um enfoque sobre Desenvolvimento Rural Sustentável.**

A dimensão ambiental surge da hipótese que o futuro depende da capacidade que tenham os atores institucionais e os agentes econômicos para conhecer e manejar de maneira integral, segundo uma perspectiva de longo prazo, seu acervo de recursos naturais renováveis e seu meio ambiente. Especial atenção é dispensada à flora e à fauna como base da biodiversidade e, em especial, aos recursos naturais renováveis como o solo, a água e a cobertura vegetal (floresta), que, em um prazo menor, são os fatores determinantes da capacidade produtiva de determinados espaços. Qualquer mudança em um deles gera mudanças nos demais componentes. Essa relação - e seu eventual equilíbrio - muitas vezes ultrapassa as fronteiras nacionais.

Daí a importância de que formulação de estratégias para a gestão dos recursos seja resultado de uma visão compreensiva e participativa do problema sob o conceito de Manejo Integrado de Recursos Naturais (Mirn). Deve-se incorporar uma metodologia de comunicação, resolução de conflitos e divulgação da informação, com a finalidade de se conseguir uma aproximação interdisciplinar, multidimensional e multissetorial, tendo em vista a manutenção saudável dos recursos naturais e o uso racional destes (SEPULVEDA; EDWARDS. R.; 2000).

“Nessa perspectiva, qualquer atividade produtiva que se promova deve adequar-se a um conjunto de parâmetros que se assegurem o manejo racional e integral do estoque de recursos naturais e do meio ambiente” “Essa visão adquire um especial alcance, visto que a unidade territorial de ação de Desenvolvimento Sustentável está particularmente condicionada por sua base de recursos naturais”.

“Tal perspectiva pretende servir de base para promover os investimentos na agricultura e na produção florestal que maximizem a utilização de processos tecnológicos e de insumos limpos, assim como os conflitos de uso dos recursos naturais e minimizem a geração de afluentes tóxicos”. Os futuros agricultores serão cada vez mais pluriativos, suas rendas dependerão da agricultura, mas também de outras atividades. “Quanto mais os jovens estiverem preparados para essas outras atividades, entre as quais se destacam as voltadas à valorização da própria biodiversidade existente no meio rural, maiores suas chances da realização pessoal e profissional” (Abramoway,

2006). Insistentemente, a esperança se refaz quando trazem à tona as discussões sobre Desenvolvimento Rural Sustentável, que não poderia deixar de ser incluído neste trabalho, por ser a fonte inspiradora principal na relação de inserção com a juventude rural.

Segundo Sepúlveda (2005) “a América Latina e Caribe vêm lutando por diminuir os contingentes de sua população pobre, persistente nos setores urbanos e rurais”. Os resultados não foram os esperados devido à centralização das decisões políticas e a concentração espacial do investimento público e privado, em um reduzido número de centros urbanos de tamanho médio e grande, ocorrida em algumas regiões do território nacional.

Dessa forma as políticas de estabilização econômica implementadas pela maioria dos países, a partir da década oitenta, reduziram drasticamente o investimento público dirigido às instituições que prestavam serviços à população rural. “Ambos os fenômenos geraram impactos sociais indesejados, traduzindo-se em maiores níveis de pobreza em todos os setores da economia, e transformando-se em possíveis fatores desestabilizadores os sistemas sociais nacionais”. O surgimento “de “uma nova tendência”, que impulsiona a descentralização das funções públicas, da participação das comunidades nos governos locais ou municipais” vem fomentar uma participação cidadã, na melhor administração dos recursos públicos, para garantir uma equidade na distribuição entre as categorias sociais e no âmbito das regiões territoriais.

“Nesse contexto um dos principais desafios que tem os países da América Latina e Caribe é promover o desenvolvimento sustentável nas suas economias, cuja base seja a competitividade da agricultura com níveis crescentes de equidade social, espacial e ecológica”. Sepúlveda, (2005).

Para Sepúlveda, (2005), “o Desenvolvimento Sustentável Microrregional é concebido como um conjunto de referencia conceitual orientador de estratégias, políticas e programas de desenvolvimento rural nacional, o qual serve de fundamento tanto para alcançar mudanças nas causas estruturais e funcionais dos equilíbrios espaciais e socioeconômicos, como para corrigir algumas tendências indesejáveis e promover a transformação do meio rural como uma perspectiva de longo prazo”.

Desenvolvimento Sustentável por ser aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações satisfazerem as suas necessidades, devendo responder a cinco requisitos básicos:

- a) Integração da conservação do desenvolvimento
- b) Necessidades básicas humanas
- c) Equidade e justiça social
- d) Autodeterminação social e diversidade cultural
- e) Manutenção da integração ecológica.

O Desenvolvimento Sustentável deve considerar o ser humano como o centro de toda e qualquer ação, o centro de atenção do crescimento do desenvolvimento e da sustentabilidade. Faz-se necessário compreender o ser humano a partir de todas as suas dimensões vitais: social, psico e histórica. Toda estratégia de desenvolvimento deve ser construída a partir de uma aprendizagem social onde se aprende e re-aprende formas de interagir com seu meio sócio econômico para transformá-lo mais do que ser transformado por ele. Por ser endógeno, deve ter um enfoque pedagógico que provoca o protagonismo e a autonomia dos grupos sociais.

Para John Durston (1998b) **Apud** Wanderley (2006), os especialistas em desenvolvimento rural têm adquirido maior consciência da grande contribuição que os jovens rurais com seu ímpeto criativo e construtivo, sua melhor disposição frente às inovações e seus níveis educacionais mais altos que os das gerações anteriores podem fazer os processos integrais de Desenvolvimento Rural Sustentável.

Segundo Carneiro (1998), como no campo o jovem normalmente precisa trabalhar para sobreviver ao alcançar 15 anos e às vezes assume o papel de chefe de família, é casado, tem filhos e não estuda, "*parece legítimo supor que a sua juventude terminou antes de começar*", cabendo a pergunta "*existe juventude rural na América Latina*"? Durston (1998).

A juventude rural participa desde cedo do Desenvolvimento Sustentável, a partir da dinâmica de sustentabilidade da vida e dos meios de sobrevivência. No entanto, são poucos organismos especializados que possuem trabalhos com e para os jovens e seus potenciais para o desenvolvimento. Em outras palavras, esses jovens padecem atualmente da mesma invisibilidade dos olhos dos planejadores e executores dos projetos integrais de Desenvolvimento Rural Sustentável.



## CAPITULO II

### O SERTA E A FORMAÇÃO DOS JOVENS ADL – AGENTES DO DESENVOLVIMENTO LOCAL.

#### 2.1 – Histórico

O SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa é uma organização não governamental, ONG fundada em agosto de 1989, em seis municípios do agreste de Pernambuco (Gravatá, Chã Grande, Orobó, Bom Jardim, Surubim e João Alfredo), por um grupo de técnicos e produtores rurais, que visava desenvolver alternativas de Desenvolvimento Sustentável as quais se fundamentavam principalmente na formação de jovens rurais e na educação do campo, através das PEADS – Programa de Educação Alternativa e Desenvolvimento Sustentável.

Atualmente é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP. No período de insegurança para a agricultura familiar no Brasil, devido à abertura de mercado pelo então presidente Fernando Collor que havia desativado os laboratórios do campo da sementeira, em Glória do Goitá e às mudanças nos países socialistas europeus, jovens técnicos em agropecuária, educadores e camponeses organizaram-se a fim de responder alguns desafios para a sobrevivência e o desenvolvimento das propriedades rurais. Os técnicos conviviam com os agricultores nas propriedades para fazer capacitação em técnicas apropriadas à pequena produção familiar, que levassem em conta a recuperação do solo e o equilíbrio do meio ambiente. Moura (2003).

#### 2.2 – Da Organização

O SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa - desenvolve suas ações através de projetos próprios financiados por entidades internacionais, bem como através de parcerias com políticas públicas. Tal é o caso da gestão do PETI - (**Programa de Erradicação do Trabalho Infantil**), que após ter sido implantado na zona canavieira em 1997, foi assumido pelo SERTA em 1999, pois o mesmo estava expandindo-se para os municípios de Glória do Goitá, Feira Nova, Pombos e Lagoa do Itaenga, caracterizado pelas agroindústrias de farinha de mandioca. Apesar de serem de microrregiões diferentes, se identificavam pela produção da farinha de mandioca,

agricultura familiar, a transição entre mata e agreste, um rio que banhava os quatro municípios e uma rodovia, a PE 50 ligando três dos quatro municípios.

Quando a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social – SEPLANDES estava mobilizando os municípios e a sociedade civil para o Programa, ganhou um grande aliado: a Aliança com o Adolescente pelo Desenvolvimento Sustentável. Era uma articulação de quatro grupos empresariais que queriam a indicação de uma microrregião que estivesse fora dos planos e programas governamentais de investimento estratégico. Tratava-se do Instituto Ayrton Sena, a Fundação Kellogg e a Área social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, essas instituições estudavam a possibilidade de uma ação estruturadora com adolescentes, como protagonistas do Desenvolvimento.

Na busca de um nome que exprimisse essa identidade, as pessoas e instituições envolvidas escolheram chamar de bacia do Rio Goitá. A Aliança havia selecionado para trabalhar uma microrregião nos estados da Bahia, Pernambuco e do Ceará. Para desenvolver sua missão, procurou uma instituição que colocasse em ação o projeto, programas e o ideário da Aliança. Pelo fato do SERTA existir a dez anos, atuando com agricultores e escolas, foi sugerida pelo SEPLANDES e aceita pelas instituições da Aliança e pelas lideranças locais para desenvolvimento dessa proposta. Na microrregião havia um prédio do Ministério da Agricultura com uma área rural sem uso há dez anos, desde que o Governo do Presidente Fernando Collor de Melo havia desativado os laboratórios do Campo da Sementeira em Glória do Goitá. O prédio estava cedido ao município em comodato e esta não tinha condições de cuidar. Com o consenso do município, o gestor do comodato e o Ministério da Agricultura, a Aliança começou a reunir os jovens dos quatro municípios e educadoras para estudar uma forma de recuperação e uso do prédio.

### 2.3 - Trabalho com Jovens: Formação do ADL

Desse processo nasceu o perfil do Agente de Desenvolvimento Local – ADL, desenhado durante sete meses de debate entre o SERTA, os Adolescentes e as instituições da aliança. A formação da primeira turma de ADL foi de 120 adolescentes, através de um curso de carga horária de 1.442 horas, por um período de dois anos no turno da manhã. Os municípios assumiram a contrapartida do transporte, para deixar os jovens às 08 horas e buscá-los às 12h30min, depois de terem almoçado. Nos turnos da tarde e noite os jovens estudavam nos cursos de ensino fundamental ou ensino médio.

Os resultados eram animadores fazendo surgir as outras turmas subseqüentes. O resultado foi concretizado com as turmas seguintes, a pesquisa realizada nesse trabalho foi com a IV turma de ADL's formada no ano de 2006.

A duração do curso foi de 18 meses, com uma carga horária de 1.200 horas, onde 116 jovens de 13 municípios foram formados. O compromisso com as Instituições da Aliança era de cinco anos, mas os resultados eram surpreendentes para os próprios jovens, seus familiares e educadores, havia necessidade de um planejamento para continuidade ao trabalho ora iniciado. Atualmente se encontra na VI turma de formação dos ADL's.

Para construir um desenho de futuro com sustentabilidade foi sentida a importância de uma avaliação externa e de sistematização interna. Baseando-se nesses dois procedimentos, os educadores, jovens, parceiros e financiadores passaram a articular com o Governo Estadual de Pernambuco, o desenho de um curso profissional de nível médio. Essa negociação está em curso com a Secretaria Estadual de Tecnologia e Meio Ambiente, responsável pelo ensino médio e superior do Governo do Estado (SERTA, 2006).

Com dezesseis anos de experiência no campo da mobilização, organização, capacitação, da animação e organização comunitária, visando à construção de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais e urbanas do Nordeste do Brasil, o SERTA tem atuado como um dos maiores atores no campo da mobilização social e do desenvolvimento territorial participando da formação continuada dos egressos dos cursos sistemáticos, de especialização e de extensão ministrada pelo SERTA. Atua através do monitoramento das ações dos jovens na família, escola, comunidade, empresa, município e movimentos sociais. Cada jovem formado pelo SERTA é convocado a permanecer em constante processo de formação, seja via SERTA, outras instituições ou Universidade, pois se supõe que pela metodologia aplicada, ele continue agindo na comunidade.

O SERTA não faz simplesmente formação, como também acompanha uma parte do engajamento dos formandos e formados a desenvolverem ações continuadas, mantém uma equipe de acompanhamento e avaliação dos jovens e das equipes que se engajam nos seus territórios. Em 1998 estava em processo formativo a equipe de formação do SERTA que a princípio não se sentia capaz de formar jovens, adolescentes e professoras. Faziam apenas formação com produtores. A experiência que tinham com a escola foi adquirida em 1988 e 1989. Através dessa equipe teve início a implantação da

proposta pedagógica do SERTA nos quatro municípios citados anteriormente, juntamente com um/uma educador(a) do lugar, continuando até os dias de hoje. Como toda instituição que vive na dependência de recursos oriundos de projetos governamentais e de organismos internacionais, o SERTA tem enfrentado algumas dificuldades em relação a situação financeira, quando os recursos demoram a ser repassados. Com isso, muitos técnicos tiveram que deixar o trabalho no SERTA para correr atrás de uma ocupação rentável. Mesmo assim alguns se tornam voluntários na formação da entidade.

Nos demais anos aconteceram mudanças. Houve a participação de pedagogas e jovens ADL que se tornaram educadores/as das turmas subseqüentes, jovens formando jovens. Por intermédio dessa equipe são mantidos os contatos, as articulações com os movimentos sociais, com os projetos econômicos e sociais de liderança dos jovens, as propostas de mobilização social, as instituições formadas pelos jovens e demais sujeitos sociais, articulados com eles (professores, produtores, conselheiros, artistas, etc). Por essa equipe passa também o processo de seleção dos candidatos aos cursos ministrados pelo Centro Tecnológico. No processo da formação do Agente de Desenvolvimento Local, - ADL, ele assume acompanhar quatro famílias para formar através dos conhecimentos recebidos no SERTA, dessas quatro famílias é formado um núcleo de desenvolvimento rural sustentável, para trabalhar na comunidade as tecnologias alternativas agroecológicas e desenvolvimento da agricultura familiar.

É a equipe de acompanhamento que dá também assistência especializada aos negócios de produtores e adolescentes e assessoria ao fundo rotativo na proposta de transformar em cooperativa de micro crédito. Essa equipe é responsável em dar continuidade a gestão dos recursos financeiros, a análise e acompanhamento dos projetos e captação de recursos. Atua articulado com o projeto de serviços de monitoramento e avaliação da intervenção dos adolescentes.

No curso de ADL até o nome já faz a diferença. O jovem não é somente autor e sujeito de sua formação. Ele e ela são também agentes convocados a agirem sobre si mesmos e sobre o desenvolvimento, a exercer um papel, uma responsabilidade e responder a um desafio. São chamados a medirem por outros indicadores, outros obstáculos. Os educadores/as do SERTA, com todos os seus limites, empenham-se para responder a esse desafio. E ai surge um diferencial. Eles são exemplos vivos dessa experiência diante dos seus educandos.



## **.CAPITULO III**

### **OS IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO PROJETO DESENVOLVER O TERRITÓRIO.**

#### **3.1. Potencialidades do Desenvolvimento Sustentável e a Juventude**

Segundo Haddad, (2006), muitos analistas dos problemas socioeconômicos de áreas urbanas e rurais que acumularam um grande atraso econômico, que perderam seu dinamismo ou que subutilizam suas potencialidades econômicas estão convencidos de que o seu processo de desenvolvimento sustentável não se limita apenas à expansão da capacidade produtiva (mais investimentos em projetos de infra-estrutura econômica ou em projetos diretamente produtivos).

Segundo Celso Furtado, apud Haddad (2006, p.14), “o verdadeiro desenvolvimento é, principalmente, um processo de ativação e canalização das forças sociais, de melhoria da capacidade associativa, de exercício da iniciativa e da criatividade. Portanto trata-se de um processo social e cultural e apenas secundariamente econômico”. Para ele o desenvolvimento ocorre quando, na sociedade, se manifesta uma energia capaz de canalizar, de forma convergente, forças que estavam latentes ou dispersas. Uma verdadeira política de desenvolvimento terá que ser a expressão das preocupações e das aspirações dos grupos sociais que tomam consciência de seus problemas e se empenham em resolvê-los.

Para Beduschi Filho, “as relações entre juventude e desenvolvimento local, apresentadas nas três seções da revista Marco Social, (2006), refletem a convicção nas capacidades e potencialidades de um segmento social, que a cada dia vem ganhando espaço e visibilidade na sociedade. Por outro lado “a juventude leva consigo o germe da mudança”. Espera-se dela uma atitude contestadora, provocada pelo inconformismo com determinadas situações, que pode desencadear processos de mudança social”.

Ao mesmo tempo, Sepúlveda (2005) indica a invisibilidade da juventude rural: “A razão da opacidade que recobre sua participação estrutural nas economias rurais obedece a uma natureza diferente. Essa se deve mais a configuração adulto-cêntrica que legitima o reconhecimento das contribuições para a economia, concepção reforçada pelo conjunto legal que impõe um determinismo etário à assunção de direitos e deveres da cidadania. A impossibilidade “legal” de tomar decisões sobre assuntos que afetam

diretamente o projeto de vida dos jovens impõe limites ao acesso dos mesmos a ativos para a produção (capital financeiro e créditos), o que afeta a gestão de iniciativas produtivas autogeridas e confina grande quantidade de projetos juvenis à ênfase assistencialista”.

Apesar disso, a importância da juventude rural se alinha de maneira marcante no contexto da globalização, e a necessidade da reorientação da agricultura tradicional para uma agricultura especializada tende para a formação de cadeias agroalimentares. A importância do jovem como agente multiplicador da mudança produtiva se dá na cristalização dos estágios até o processamento de produtos agrícolas e a comercialização dos mesmos, assim como na articulação das novas tecnologias da informação e da comunicação nos processos produtivos (IICA 2000).

É importante superar as deficiências que nesse sentido guiaram as políticas de produção agrícola. Em nível macro, as políticas agrícolas tenderam a não levar em conta o papel decisivo das mulheres e da juventude rural nas economias locais, enquanto os programas regionais para mulheres e juventude rural geralmente se dão à margem das políticas agrícolas no âmbito nacional. (Sepúlveda, 2006)

### **3.2 – Projeto Desenvolver o Território**

A fim de alcançar formas de sustentabilidade em meios aos descaminhos programados pelas circunstâncias sócio-econômicas insustentáveis, a exemplo, do desemprego, da falta de escolarização e de especialização para desempenhar competentemente uma determinada atividade, os jovens de Sapucarana se engajam nas capacitações oferecidas pelos movimentos sociais, através das ONGS e Movimento Sindical para buscarem formas alternativas de continuarem lutando e descobrindo meios de enfrentarem a realidade, como observamos da participação dos jovens no SERTA e em outros momentos na participação de capacitações oferecidas pela FETAPE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco) e pela AFABE (Associação dos Filhos e Amigos de Bezerros).

Dentre os projetos de enfrentamento da realidade pelos jovens está o projeto Desenvolver o Território, monitorado pela equipe de formação do SERTA, que proporciona uma experiência interligando o social, o econômico, na construção de cidadania, combatendo os problemas existentes pela falta de políticas adequadas para a juventude do mundo rural que tem na formação do Agente de Desenvolvimento Local

ADL quatro áreas básicas: 1. Desenvolvimento pessoal; 2. Desenvolvimento da cidadania; 3. Desenvolvimento tecnológico; 4. Desenvolvimento de negócios.

**1 - O desenvolvimento pessoal:** formar o jovem a ter um conhecimento maior da sua existência em relação a si próprio como protagonista de sua própria história; são desenvolvidos junto aos jovens e adolescentes os valores subjetivos, nos quais se trabalha a auto-estima e a valorização do ser humano. A auto estima é trabalhada através de dinâmicas do auto conhecimento, das oficinas do “ser e conviver”. “Quem sou eu? Quem são os meus familiares”? “Como é meu lugar de morada”? “Como é meu município”? Na linha de construir a identidade pessoal e a autoconfiança. A aceitação das virtudes e defeitos de cada um. não é uma questão prática, nem pedagógica, e sim, uma questão de crença, de princípio, de concepção.

Acreditar que todas as pessoas são capazes de conhecer, que são sujeitos do seu conhecimento, são construtoras e cada uma tem seu ritmo, contexto pessoal e familiar próprios. O envolvimento das famílias é muito importante no processo de formação dos jovens, elas não só participam como também passam a ser formadas conjuntamente com os jovens.

Acreditar que a educação é o processo para favorecer essa crença, concretizar seu discurso, desenvolver dinâmicas e técnicas para fazer acontecer, isso a equipe do SERTA dominava. Para essa tarefa algumas habilidades são básicas, como: a comunicação pessoal, o trabalho de equipe, o domínio da leitura, da escrita, da informática. Para aprender essas coisas tem que esclarecer sempre mais, a finalidade da intencionalidade.

**2 - O desenvolvimento da cidadania:** leva os jovens a buscar desenvolver uma inserção maior nas políticas públicas e sociais por uma vida digna. Reflete na participação das instancias sociais, nas discussões sobre educação, saúde, lazer, esportes, nos conselhos municipais e regionais. Não faz sentido ensinar essas coisas ao jovem, se ele não se tornar um protagonista no seu município ou na região. Por isso, o ADL tem no seu currículo elementos fundamentais da conquista do direito e da cidadania.

Daí estudos básicos sobre Constituição Federal, a do Estado e a lei Orgânica dos Municípios, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei Orgânica da Saúde e da Assistência Social, o Estatuto da Criança e Adolescente, o Código do Consumidor, as

Diretrizes Operacional da Educação Básica nas Escolas do Campo. Esses conhecimentos pressupõem a convicção que o jovem é sujeito, protagonista da construção de políticas públicas. Daí a capacidade de aprender a mobilizar as pessoas e grupos, de pesquisar a realidade de eu município, de se engajar nas expressões de democracia participativa, privilegiando os conselhos, comissões e comitês municipais, daí também a importância de construir diagnósticos, de aprender a elaborar projetos sociais de intervenção nos territórios. De participar junto aos movimentos e redes sociais, sobretudo ligadas à juventude e de estudar a história dos movimentos sociais. De desenvolver as potencialidades da arte e da cultura, como oportunidades de mobilização social. (SERTA, 2006)

**3 - O desenvolvimento tecnológico:** procura formar os jovens através de técnicas e experiências de um desenvolvimento sustentável, sendo a natureza, com seus recursos naturais, a maior parceira na formação dos jovens. Essa formação visa preparar os jovens como aporte técnico nos seus territórios de origem, a lidar com alternativas na agricultura de forma orgânica e nas iniciativas agro-ecológicas da sustentabilidade.

Para concretizar o paradigma e as concepções filosóficas, o ADL aprende a planejar uma propriedade e conhecê-la identificando as potencialidades e os limites e desenhando um estado otimista a ser alcançado na agroecologia, através das técnicas desenvolvidas na formação no campo da sementeira, usando a estratégia do desenvolvimento endógeno, aprende a aproveitar tudo o que pode ser recurso que a natureza oferece, trabalhando em favor do homem, da mulher do campo.

**4 - O desenvolvimento de negócios:** leva essa massa crítica que é criada a gerir seus próprios negócios, produzir e comercializar seus produtos, numa dinâmica social e sustentável. Tal desenvolvimento procura levar os jovens a gerar renda e se qualificar como mão de obra específica. Faz-se necessário que o jovem se estabeleça economicamente no seu ambiente, ele precisa aprender a ganhar dinheiro, caso contrário, ele migrará para outra região ou continuará nas mesmas condições que os pais e avós ficaram. É necessário mudar as condições de vida dos territórios onde vivem. Não podem pretender vivendo nas mesmas circunstâncias, sem lutar por uma vida digna tendo direito a um mínimo de conforto e de acesso as políticas públicas.

Como vimos à formação que a juventude rural recebe no SERTA, provoca em cada um (a) o desejo de mudar, a partir das quatro áreas básicas da formação do ADL, subsídios para encarar a dura realidade de cada jovem trabalhador rural.

Segundo os jovens de Sapucarana, um dos principais desafios enfrentados por eles destaca-se, a “garantia em assegurar a continuidade do processo formativo como agentes multiplicadores, ou seja, transmitindo para os demais jovens aquilo que aprenderam”. Essa transferência poderá ocorrer na esfera municipal e territorial, a exemplo do Projeto “Desenvolver o Território”, com recursos oriundos do Programa PETROBRAS Fome Zero, PETROBAS e do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, a fim de viabilizar a sustentabilidade do campo.

Com os recursos foram contemplados 153 jovens, num montante de R\$ 107.100,00, média de 80 novos negócios, na aquisição de caprinos, ovinos, bovinos, aves e desenvolvimento de hortas orgânicas. Cada beneficiário recebeu R\$ 700,00 para investir em seu primeiro empreendimento. O projeto tem o acompanhamento de um Comitê Gestor no município de Bezerros, que ora foi formado no SERTA, sendo composto da seguinte forma: Um representante das ONGS, um representante da educação, um representante da secretaria da agricultura e um jovem beneficiário do projeto, da Associação de Moradores.

Cada jovem beneficiário do projeto assume o compromisso em repassar um valor de R\$ 35,00 (trinta e cinco reais) para o Comitê Gestor, a cada negociação resultante do projeto. Cada jovem escolhe quatro famílias e repassará as tecnologias alternativas e como trabalhar de forma adequada.

No decorrer da pesquisa procurei entrevistar uma participante do Comitê Gestor, do projeto desenvolver o território, representante da secretaria de agricultura do município de Bezerros, Sra. Zélia Brayner, que disse o seguinte:

*“O Projeto Desenvolver o Território veio para favorecer os jovens a ficarem na zona rural. O projeto contemplou 14 (quatorze jovens), sendo 12 (doze) de Sapucarana, um do sítio Frutuoso, um do sítio Remédios. O projeto foi adquirido através do SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa, sendo um tipo de bolsa de R\$ 700,00 (setecentos reais) para cada jovem. Dez jovens de Sapucarana fizeram uma opção por um projeto coletivo de criação de galinhas caipiras, chamado “granja mania” foram capacitados pelo SENAR. Os outros dois jovens de Sapucarana resolveram dedicar o montante do projeto numa horta de verduras, um jovem do Sítio Frutuoso na criação de ovinos e o outro jovem do sítio Remédios optou por bovinos. A preocupação dos dez jovens estava como vender as galinhas para o abate, transformando em fonte de renda. As Galinhas semi-confinadas pesavam três quilos em apenas três meses e o preço para vender na pena era de R\$ 15,00 (quinze reais), o interessante foi a opção pelo coletivo, que juntos somariam R\$ 7.000,00 (sete mil reais)”.*



## CAPITULO IV

### A JUVENTUDE RURAL DE SAPUCARANA, DESAFIOS E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO.

#### 4.1 – A juventude e os desafios.

A juventude tem encarado a dura realidade de seus locais de vida tendo que enfrentar a cultura dos grandes produtores, que visam somente os lucros pessoais e o crescimento econômico. Várias perguntas têm sido feitas pelos Jovens Agentes do Desenvolvimento Local das quais as mais freqüentes são: - Qual a saída para conseguir terra para sobreviver? Como desenvolver a produção de uma agricultura orgânica num solo contaminado pelos agrotóxicos dos grandes plantios de tomate, pimentão e repolho? Como comercializar os produtos da agricultura familiar sem ter um meio de transporte para escoamento da produção? Como enfrentar os atravessadores? Como transmitir a formação recebida conscientizando as pessoas de como se deve desenvolver sustentavelmente a terra?

Entre os desafios que os jovens têm enfrentado destaca-se a garantia em dar continuidade ao processo formativo como agente de desenvolvimento local, sendo multiplicadores da proposta de formação, transmitindo para outros jovens na esfera municipal e territorial o projeto “Desenvolver o Território” a partir de uma sustentabilidade do campo. Repensar o papel dos jovens como construtores e gestores de um projeto de melhoria de vida é um desafio que busca envolver as famílias e a sociedade em geral. Para conhecer melhor os desafios e o jeito de vida dos jovens de Sapucarana nada melhor que ver e sentir a realidade vivida por eles de perto, daí marcamos uma conversa para iniciarmos um processo de pesquisa na comunidade em questão.

No dia 04 de agosto de 2007 chegamos ao distrito de Sapucarana e lá encontramos dez jovens e, logo após, a nossa chegada nos apresentamos como pesquisadores da UFCG/CEDRUS<sup>2</sup>, fazendo uma explanação acerca do nosso objetivo naquele instante. Um fato interessante, que a nosso entender foi um dos responsáveis

---

<sup>2</sup> Os pesquisadores foram Jairo Bezerra da Silva - Doutorando em Sociologia, tutor do CEDRUS - Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável da UFCG - Universidade Federal de Campina Grande – PB e Marcos Antonio Couto da Silva – aluno do curso em questão – 2007.

pelo início da discussão está atrelado às questões que colocamos a cerca do acidente da TAM, no dia anterior. Lembro que na oportunidade, perguntamos aos jovens, quais foram os principais atores que apareceram após a queda do avião e os jovens começaram a se indagar. Nosso objetivo naquele instante foi exercitar um pouco a curiosidade ou a criatividade dos mesmos que são amortecidas, constantemente, ou seja, anestesiadas pelos meios de comunicação de massa.

Após termos estabelecido uma prática de diálogo baseada na pesquisa focal, na qual todos foram aos poucos se familiarizando com a discussão, foi possível registrar os principais dramas colocados por aqueles jovens, sobre a realidade vivida por eles no lugar. Iniciamos a nossa conversa falando dos últimos acontecimentos, trazendo novamente à tona o acidente aéreo da TAM, como mote para estabelecer a comunicação. Os comentários foram que os meios de comunicações sociais estavam manipulando as notícias, fazendo aparecer, a todo o momento, a imagem do Governador de São Paulo, um jogo da mídia, para mexer com a opinião pública e dar certa visibilidade ao Governo Estadual de São Paulo, haja vista ser um fato da responsabilidade do Governo Federal.

Continuamos a conversa com os jovens no Salão Paroquial, onde foi falado por eles da participação no Festival da Juventude Nacional organizado pela Secretaria de jovens da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), no qual o time de voleibol conseguiu ficar em 3º lugar conquistando a medalha de bronze. Além disso, os jovens explicaram que foram selecionados por ter conquistado o primeiro lugar no Festival da Juventude Estadual, na cidade do Carpina, meses atrás. Para participar do evento nacional precisariam ser associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do seu município. Foi feita a inscrição de oito jovens, após uma conversa da FETAPE com a diretoria do Sindicato, dispensando a taxa de inscrição dos jovens que iriam representar o município, em Brasília, no Distrito Federal. Voltando a discutir sobre a realidade dos jovens no distrito de Sapucarana, questionamos sobre quais as dificuldades enfrentadas e quais as perspectivas dos jovens de Sapucarana.

Os jovens que foram entrevistados falaram que as principais dificuldades enfrentadas são em relação ao desemprego, aos solos contaminados e a falta de terra para produzir, porém as famílias que dispõem de terra, na maioria são pequenas áreas das quais sobrevivem precariamente, mesmo sendo numa região bastante cobiçada pelos investidores fundiários.

Por pertencer aos brejos pernambucanos, região favorecida por um grande potencial de água, hoje afetada pelos agrotóxicos, a terra, é muito valorizada. O menor preço de um hectare chega a custar em torno de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais), quando se encontra alguém que queira vender. Para as famílias desenvolverem a agricultura familiar, se faz necessário arrendar um pequeno pedaço de terra que chega a custar entre quatro e oito mil reais, sem a garantia do lucro do mercado, de uma vez que os produtos são comercializados aos atravessadores.

Na produção de tomate pelos pequenos produtores, em cada caixa o atravessador ganha em torno de R\$ 5,00 (cinco reais). Por serem trabalhadores desempregados e sem terra, os jovens trabalham nos plantios de tomate, nos quais sofrem grande exploração pelos grandes produtores, que além de ter uma mão de obra qualificada de baixo custo, não pagam os direitos trabalhistas inerentes a cada trabalhador. Quando o agricultor planta para si, tem que ser na terra dos outros, pagando uma renda que leva todo o seu lucro.

Já os trabalhadores que tem uma pequena propriedade plantam o tomate e vendem aos atravessadores ou corretores do tomate da região dos Brejos Pernambucanos. Os jovens deveriam ter uma melhor atenção do Governo para poder permanecer na zona rural, levando em consideração a produção dos alimentos. O jovem que vive da agricultura gosta de trabalhar, embora encontre uma série de barreiras para que o seu desejo se materialize como a falta de oportunidades devido ao desemprego, falta de uma política agrária que venha atender as suas necessidades básicas de jovem, incluindo o lazer. A oportunidade que lhes aparece é justamente em trabalhar na colheita dos tomates. Para Rodrigo, *“trabalhar no alugado significa depender eternamente das mãos dos latifundiários, dos grandes produtores de tomate”*.

#### **4.2 – As Experiências dos Jovens de Sapucarana**

A situação do jovem agricultor por falta de perspectivas no seu ambiente, provoca uma baixa estima e uma descrença do que ele é capaz de realizar. A formação que foi adquirida na família, na escola, ficou no campo da superficialidade, não permitindo que os jovens descubram seus próprios valores, nem ao menos o direito de sonhar. Não existem condições para se desenvolver. A saída seria ter terra para desenvolver a agricultura familiar.

Para Arthur, as escolas deveriam trabalhar a questão do meio ambiente e do desenvolvimento rural sustentável. “O colégio do Distrito de Sapucarana oferece boa qualidade de ensino se comparada às demais escolas do município, só não aprende quem não quiser. Todos os jovens agricultores deveriam fazer o curso nas Escolas Agrotécnicas, no que ele afirma: “Uma grande dificuldade para o agricultor familiar é a comercialização dos seus produtos”. Se não bastassem os latifundiários cederem a terra em forma de arrendamento para os pequenos produtores para plantarem tomate, no tempo da colheita, são os próprios donos das terras, juntamente com os grandes produtores da região, que determinam o preço do produto, Isto é agravado pela ausência de transporte para escoamento da produção e pelas péssimas condições das estradas, a produção é comercializada aos atravessadores, que são os donos das propriedades arrendadas, surgindo com isso uma nova denominação no âmbito da comercialização: a figura dos corretores do tomate. Caso o pequeno produtor não opte por essa dinâmica está arriscado a perder toda produção, por falta de compradores do seu produto”. Em seguida, analisaremos as experiências de vida dos jovens entrevistados.

#### **4.2.1 - A Experiência de Marcelo**

**Marcelo**, 19 anos, cursando a 8ª série do ensino fundamental, filho de agricultor, agricultor, sindicalizado, trabalhador nos plantios de tomate “no alugado”, migrante temporário para os municípios de Garanhuns, Gravatá, Camocim de São Félix e Sairé nos períodos de entressafra dos plantios de tomate em Sapucarana, diz o seguinte:

“Trabalho nos plantios de tomate sem proteção alguma, sou ADL (agente de desenvolvimento local), sindicalizado. Para mim, o mais difícil é a questão da terra, por ser valorizada demais, o preço pelo hectare é acima de dez mil reais”.

Continua nos dizendo que: “A região de Sapucarana é dominada por três grandes proprietários de terras, donos das grandes plantações de tomate na região, que no período da safra contrata de forma informal, num período de três meses, os trabalhadores do “alugado” de Sapucarana, que na sua maioria são jovens”. “A produção nas terras de Sapucarana tem sido de pimentão, repolho e tomate, predominando o último”. O que é mais difícil para os jovens é trabalhar para os outros a mão de obra temporária nos plantios de tomate, sem nenhuma garantia trabalhista. A diária é paga entre R\$ 15,00 (quinze reais) e R\$ 20,00 (vinte reais). Quando termina a colheita de tomate nos plantios de Sapucarana, “os trabalhadores do alugado partem

para as cidades vizinhas, onde a maioria dos plantios é dos mesmos donos das plantações de Sapucarana”.

“Na região do agreste o verão é o período da safra, inverno período de entressafra, neste período a gente sai para trabalhar fora, às vezes até 400 quilômetros de distância. Quando a gente fica em Sapucarana “faz bicos” (trabalhos diversos, esporádicos). Trabalhar na diária ganha menos, na produção ganha mais, cada caixa de tomate sai a R\$ 0,60 (sessenta centavos). Quanto aos estudos, estudamos a noite a partir das sete horas até as dez horas da noite. Saímos para trabalhar às vezes antes das seis horas da manhã e chegamos já escurecendo, perto das seis horas da noite, pois o horário de trabalho é de sete da manhã até as cinco da tarde. Quando trabalhamos nos municípios perto, dá para assistir aula, pois tem transporte dos lugares até Sapucarana. Quando o trabalho é em lugares distantes, a gente passa até quatro meses sem vir em casa”, prejudicando os estudos. Em relação aos projetos faço parte do projeto desenvolver o território. “O projeto de capacitação do SERTA trabalha para elevar a auto-estima, ensinar as alternativas tecnológicas para agricultores e desenvolve os jovens para administrarem seus próprios negócios”.

- Na entrevista com Marcelo fica bem visível a exploração da mão de obra temporária, mediante a submissão provocada pelo desemprego. A ausência na família é outra questão determinante na formação dos jovens, pois passam todo o dia trabalhando e a noite estudando, chegando apenas para dormir, não estabelecendo uma relação de convívio com os familiares. A vida como estudante é prejudicada pela falta de tempo para aprofundamento dos estudos, como das faltas por um determinado período, quando precisam se ausentar por três a quatro meses, provocando repetências e evasão escolar. Em relação ao projeto do SERTA é visto como um momento inovador na formação dos jovens, em especial, por trabalhar a auto-estima e a valorização do ser humano nos níveis da sustentabilidade do desenvolvimento. Uma dos requisitos para trabalhar a auto-estima é o contato direto com as famílias, com oficinas do “ser e conviver”. A valorização da auto-estima é um dos segredos para que o (a) jovem tenha o prazer de ser protagonista, em ser parte, fazer parte e tomar parte na vida, na cidadania, na família, na escola e na propriedade. Quando se trabalha a auto-estima as pessoas sempre ficam bem consigo mesmas e com os outros.

#### 4.2.2 – A Experiência de Arthur.

**Arthur** tem 17 anos, está cursando 2º ano do ensino médio, filho de agricultor, agricultor, natural de Recife, a família sempre viveu em Sapucarana, sem terra, faz parte do grupo de ADL, sindicalizado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bezerros, na sua fala nos disse: “Os movimentos sociais fazem muito pelo povo de Sapucarana, mas o atrelamento das pessoas aos políticos locais não deixa que elas despertem para a realidade. No Grupo Jovem JUPOC (Juventude Unida Para Organização Comunitária) participam 54 jovens inscritos, mas somente 30 se engajam e se interessam nas atividades do grupo. Em Sapucarana o lazer se dá pela participação no grupo de jovens. A prefeitura colocou aulas de teatro, karatê e música, mas funciona na casa do vereador, que por sua vez não gosta do grupinho do PT, é a forma como ele se dirige aos jovens que têm uma consciência mais crítica. Os carros do vereador são agregados à prefeitura para manter certo clientelismo, para dizer que tudo faz pela comunidade”.

Arthur continua dizendo que “uma das coisas mais preocupantes pra os moradores de Sapucarana é não ter como ser independente economicamente, sendo que em relação à terra 90% (noventa por cento) dos trabalhadores rurais de Sapucarana não têm terra. Existe um grupo de famílias que está acampada às margens da BR 232 há mais de dois anos, lutando pela terra, inclusive a minha família”.

“Um outro aspecto que complica na vida dos moradores de Sapucarana não existe nenhum tipo de bolsa que ajude a manter os estudantes que estudam fora, em outros municípios. Mediante a toda a realidade do ensino no município de Bezerros os estudantes acham que o Colégio de ensino médio de Sapucarana tem o melhor ensino do município, os professores ensinam bem. O aluno se quiser ele aprende. Os alunos não cobram dos professores em sala de aula”.

“Na questão dos estudos, os jovens agricultores deveriam cursar a Escola Agro técnica Federal de Vitória de Santo Antão, para aprender mais sobre as questões ligadas as técnicas agrícolas”. A falta de permanência nos finais de semana na Escola está dificultando a procura dos jovens, devido não ter condições para se deslocarem de casa para a escola, por causa dos custos com transporte. Os jovens que estão participando dos estudos na Escola Agro técnica de Vitória de Santo Antão e que participaram das capacitações de tecnologias alternativas no SERTA, estão repassando o que aprenderam através da organização de uma horta orgânica com aulas práticas a grupos de famílias e jovens ligados as Comunidades Eclesiais de Base do Agreste – CEB's, no Santuário das

Comunidades em Caruaru<sup>3</sup>, isso é uma iniciativa positiva como desdobramento do que aprendemos. A escola local não trabalha a questão do desenvolvimento sustentável, nem agrário. Deveria trabalhar a questão do meio ambiente. Quero continuar me capacitando. “Trabalhar na monocultura é uma dificuldade, porque não tem outra coisa na produção a não ser aquele tipo que se cultiva”.

- Nas colocações feitas por Arthur percebe-se a visão social que ele apresenta em relação ao poder entre o político local, a prefeitura e os moradores de Sapucarana, que não conseguem enxergar a realidade devido a troca de favores. Outra reflexão que Arthur faz é em relação à questão agrária do município de Bezerros, que é precária por falta de terras para produzir. Os pequenos produtores que ainda dispõem de terra, possuem somente cerca de um hectare.

Na relação de trabalho campeia a verdadeira exploração pela mão de obra temporária, num regime de servidão dos “trabalhadores alugados”. As alternativas adquiridas pelos jovens nas capacitações do SERTA é algo diferente que trabalha o desenvolvimento pessoal e uma agricultura orgânica, elevando a auto-estima e desenvolvendo a possibilidade de um modelo de agricultura em prol da vida e do bem estar comum. Por outro lado, existe a resistência dos trabalhadores a essas tecnologias alternativas implementadas pelo SERTA através da formação dos jovens, onde para os adultos se torna difícil aceitar as inovações pelo fato de que sua cultura sempre foi das queimadas, da adubação artificial. Na relação política partidária “o grupinho do PT incomoda” por trazer elementos que questionam o modelo de política clientelista, se tornando uma ameaça quando procuram conscientizar as pessoas através de inovações no campo da política partidária e na consolidação de políticas públicas e sociais que visam um projeto de melhoria de vida do povo. Ter uma massa consciente de seus direitos é tirar aqueles que vivem na dependência dos políticos viciados “nas trocas de favores”. Continuando as entrevistas, os jovens se mostravam dispostos a seguir com a conversa e prosseguindo falamos com Rodrigo.

#### **4.2.3 - A Experiência de Rodrigo**

Rodrigo, 22 anos, 2º ano do ensino médio, agricultor, filho de agricultor, natural de Sapucarana de Bezerros, sem terra, migrante no período da entressafra para os

---

<sup>3</sup> Fundação Santuário das Comunidades é uma Associação que congrega as CEB's – Comunidades Eclesiais de Base das Diocese de Caruaru, Pesqueira e Garanhuns com a finalidade de proporcionar a formação e a organização dos trabalhadores e trabalhadoras das comunidades partindo de capacitações na busca de melhoria de vida, na promoção e construção da cidadania.

municípios de Gravatá, Sairé, Garanhuns, São Joaquim do Monte, não é sindicalizado. Trabalha desde os 12 anos de idade nos plantios de tomate. Na sua fala disse: “é duro acordar e não ter o que fazer, mesmo sabendo como fazer. O poder público nos esquece. Por que isso acontece com os jovens da zona rural? Ficar no alugado é ficar para morrer aqui. A escola daqui é regular, os professores são bons, mas faltam bastante. Soube que a escola que aprovar mais, vai receber mais recursos e é por isso que o índice de aprovação está aumentando”.

Em relação às questões problemas do lugar Rodrigo nos fala:

“Quem tem água e terra tem tudo. Produzem, compram do pequeno agricultor e são os atravessadores. Quem tem poder, compra todas as terras da região. Para o trabalhador rural o preço da terra sempre está acima das condições de aquisição. O grande produtor conseguiu um espaço para comercializar na CEACA de Caruaru, no galpão do PRONAF, tomando o espaço do pequeno produtor”.

Além desses problemas existem as questões fundiárias, que para Rodrigo é um problema muito sério e continua nos dizendo que: “a terra que os trabalhadores dispõem para desenvolver a agricultura ou é pouca ou não tem terra e para arrendar uma terra para produzir custa muito caro, fica em torno de quatro a oito mil reais e quando se consegue uma boa produção o lucro é quase nada. Em cada caixa de tomate que o pequeno produtor produz, o atravessador ganha cinco reais. O atravessador existe porque as pessoas não têm como escoar a produção, para ele próprio comercializar, isso se dá pela falta de uma política que favoreça os pequenos. Os Governos deveriam trabalhar com mais cuidado, levando em consideração a produção dos alimentos e estimular a permanência dos jovens na zona rural.”

- E assim, as questões e dilemas vão se entrelaçando, proporcionando incertezas que na maioria das vezes, pelo que observamos na pesquisa de campo vão sendo cada vez mais intensificados à proporção em que as políticas públicas tendem a ser minguadas. No relato de Rodrigo fica bem clara a questão da dominação pelos grandes plantadores de tomate que controlam a questão fundiária. São quem determinam os valores das propriedades, os meios de produção e de comercialização. Por várias vezes ao ser entrevistado Rodrigo repetiu a frase: “Quem tem água e terra tem tudo. Produzem, compram do pequeno agricultor e são os atravessadores. Quem tem poder, compra todas as terras da região”.

- Os pontos levantados por Rodrigo são bastante preocupantes por trazer o velho modelo de desenvolvimento rural, ou seja: crescimento econômico.

#### **4.2.4 - A experiência de Valmis**

**Valmis**, 20 anos, estudou até 1º ano do ensino médio, agricultor, filho de agricultor. Sua família possui um hectare e meio de terra em Sapucarana, não sindicalizado. “Trabalha nos plantios de tomate no “alugado”, nos falou o seguinte: *Quando a colheita do tomate acaba aqui na região, a gente tem que sair para trabalhar fora, no sertão. Trabalhei nos plantios em Serra Talhada. Parei os estudos porque não tinha condições de estudar por causa das viagens”*.

- No breve relato de Valmis percebemos alguns pontos que em outros momentos já nos chamaram a atenção: a ausência na família por um período de quatro a cinco meses e a questão da evasão escolar provocada pelo desemprego e falta de oportunidades para a juventude do meio rural. Na pequena propriedade a família cultiva a lavoura de subsistência para o consumo familiar, o que se produz em excesso é comercializado aos atravessadores. A ausência de políticas públicas traz mais uma vez o dilema que sofrem as pessoas de baixa renda que vive em ambientes rurais ligadas à educação, emprego, meios de sobrevivência e a falta de perspectiva que vive a juventude da zona rural. A falta de uma política agrícola e agrária continuará fazendo com que as pessoas que sobrevivem da agricultura, viva sem poder desenvolver e crescer como cidadãos, no anonimato das periferias.

#### **4.3 – Desafios enfrentados pelos Agentes do Desenvolvimento Local de Sapucarana (ADL).**

A região dos brejos pernambucanos sempre foi marcada pelas oligarquias dos fazendeiros que dominam as questões agrárias, agrícolas e da política partidária local e estadual. Isto os faz detentores dos poderes nas esferas municipais e regionais determinando os meios de produção e do mercado regional. A maneira de produzir sempre se deu através de uma relação patronal, pela exploração da mão de obra, predominando as vantagens do lucro sobre os pequenos produtores rurais. Esse modelo de produção baseia-se na concentração de terra e no monopólio para se produzir uma agricultura exclusiva para o mercado de consumo dos grandes centros urbanos. Isso leva as famílias a não poderem desenvolver uma agricultura familiar de subsistência, sendo

forçados a trabalhar para os grandes plantadores de tomate, repolho e pimentão de Sapucarana e das regiões circunvizinhas.

Quando as famílias de agricultores familiares que não têm terra para produzir buscam outras formas de trabalho, como na região existem propriedades de grande e médio porte se desenvolve também a pecuária. As pessoas trabalham como vaqueiros num regime de servidão nas fazendas, tendo uma carga horária de trabalho até de 12 horas sem repouso semanal. Acordam geralmente às três horas da manhã para tirar leite, depois seguem com o rebanho até as pastagens. Enquanto o gado pasta, os vaqueiros preparam a ração nas forrageiras para colocar para o gado no curral.

Diante dessa realidade um tanto adversa, vários têm sido os questionamentos feito pelos jovens agentes do desenvolvimento local, de como melhorar as relações de trabalho nas fazendas e plantios? “Como produzir um modelo de agricultura orgânica num solo basicamente contaminado pelos agrotóxicos”?

Por se tratar de culturas de ciclo curto de duração, de apenas 3 meses são aplicados inseticidas e fungicidas para combater as pragas. Os trabalhadores rurais fazem as aplicações sem as proteções devidas, com isso verifica-se uma grande incidência de doenças do coração e de câncer. O prejuízo a terra é de tamanha agressividade, que o mesmo solo não serve para um novo plantio imediato. Faz-se necessário um período de repouso da terra, ora utilizada, para que os nutrientes sejam repostos, a terra tem que descansar como dizem os trabalhadores. O agrotóxico utilizado contamina a água através da infiltração no solo, atingindo os lençóis freáticos e boa parte dos recursos hídricos circunvizinhos. Em alguns casos os agrotóxicos deixam as pragas mais fortes. Os proprietários das plantações de tomate visam exclusivamente os lucros com a comercialização do produto, pouco se importando com a segurança e com os riscos de doenças que possam acometer aos trabalhadores (as) rurais do “alugado”.

Uma outra questão desenvolvida pelos jovens agentes do desenvolvimento local, está relacionada ao processo de como comercializar os produtos gerados pela agricultura familiar sem que haja um meio de transporte adequado para que a produção possa ser escoada para outros centros de comercialização. A realidade dos trabalhadores rurais, que vivem no regime da agricultura familiar de subsistência, em relação à comercialização não tem apresentado mudanças, mediante a conservação de um modelo mercantilista pelos produtores mantendo os chamados atravessadores que servem de intermediários comerciantes entre consumidores e agricultores familiares.

Tal prática é resultado da falta políticas públicas e sociais de apoio ao pequeno produtor rural, para que ele tenha condições em escoar e comercializar os seus produtos, implicando na manipulação dos meios de transporte pelos políticos locais, impossibilitando o escoamento da produção dos agricultores familiares. Além das questões acima colocadas, esses jovens experimentam no seu dia-a-dia as intempéries da ausência das condições econômicas, anunciadas nas suas falas e que apresentamos abaixo.

Segundo os entrevistados, o poder público municipal, a prefeitura, tem atuado no sentido de colocar ou de adotar formas de diversão para os jovens. O problema é que essas formas de lazer também são programadas dentro de um pacote clientelista no qual o desejo do vereador da localidade tem que ser entendido como um capricho do qual ninguém se livra. Em geral, o que é conseguido para a comunidade é através de uma politicagem entre a prefeitura e o vereador local. Projetos de cultura e esporte para a juventude vão diretamente para a casa do vereador, onde só participa quem vive submisso, o pessoal do grupo de jovens é discriminado por não concordar com esse tipo de dependência política. O problema dessa prática clientelista é o registro que ela consegue instaurar, fazendo com que a memória dos promotores dos eventos seja sempre lembrada pelos membros da comunidade, ou seja, prevalece o princípio da simbologia de quem fez e faz uma boa festa.

#### **4.4 - Projeto de Criação e Comercialização de Aves**

Continuando a investigação sobre o projeto desenvolver o território conversei com **João Paulo**, 19 anos, agricultor, filho de agricultor, está cursando o 4º ano Magistério, é ADL, Agente de Desenvolvimento Local, a família possui pequena propriedade de terra, nos falou sobre o projeto relatando o seguinte: “Através do SERTA, foram conseguidos recursos do PROGRAMA PETROBRAS FOME ZERO, PETROBRÁS e do MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário para implantar o projeto Desenvolver o Território. O projeto poderia ser individual ou coletivo, mas dez participantes decidiram pelo projeto coletivo. O valor para cada pessoa era de R\$ 700,00 (setecentos reais). Optamos pelo projeto de criação de aves, chamado “granja mania”. A cada lote vendido se pagava um valor de R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta

reais) ao Comitê Gestor do município, isso quando se “apura”, para criação de um fundo rotativo, para subsidiar projetos para outros jovens do município. O primeiro lote prejudicou muito, a maneira de criar foi orientada de forma errada. O ideal eram três lotes de 250 aves, mas não deu certo devido a transmissão de doenças das aves mais velhas para as mais novas. Só deu certo o primeiro e o quarto lote. No segundo e no terceiro houve uma grande perda. Falta ainda o último lote. Foi combinado no início do projeto pelos participantes que quem desistisse perdia todos os direitos no projeto.

Dos dez participantes só restam quatro. Dois desistiram por causa dos trabalhos na colheita do tomate, um por causa dos estudos na escola Agrotécnica de Vitória de Santo Antão e os quatro restante por conta própria, porque não estavam vendo nenhum resultado satisfatório, por causa das perdas e a falta de lucros. Quando se quer uma coisa a gente luta até o fim. Não havia uma preocupação pelos demais com o trato da granja mania. O projeto de criação de aves foi pensado na sua execução da seguinte forma: um cronograma de trabalho onde cada participante trabalhava um dia por semana. O trabalho consistia em verificar se todas as aves estavam bem. Nós iríamos pagar aluguel do espaço físico da granja, mas negociamos com o proprietário em pagar com cama de galinha de todos os lotes. A ração alternativa é resto de repolho, de tomate, capim e matos, etc. O negativo foram pessoas que entraram no projeto só por entrar, sem querer ter compromisso, não cumprindo com as tarefas direito.

Outra coisa que não ajudou foram às perdas dos dois lotes, pois causou prejuízo. Nos lotes também aconteciam os refugos (aquelas aves que não desenvolviam no crescimento), por não desenvolver o tamanho esperado e ficavam pequenas, eram vendidas pela metade do preço. Os refugos além de não crescer, comiam ração mais do que as de crescimento normal. Um entrave para o projeto foi a comercialização das aves, Pensamos o projeto sem pensar como comercializar o produto. A gente pensava que ia vender fácil, mas teve muita dificuldade. Tentou-se vender nos restaurantes, mas além de achar o produto caro, queriam as aves abatidas e com inspeção da vigilância sanitária e registro na Secretaria da Agricultura. Quando as aves passavam do prazo da comercialização, aumentavam as despesas com a ração, causando prejuízo. Foi quando o grupo resolveu levar para vender na feira de Bezerros, nas casas em Encruzilhada de São João e Sapucarana.

A coisa mais positiva tem sido a persistência dos que não desistiram e continuam lutando até o presente. Temos muita confiança que o último lote vai dar certo e vamos

continuar com a granja mania. “Além disso, todos nós pequenos agricultores necessitamos de uma terra própria, para trabalhar nela no geral e ter uma vida melhor”.

Na conversa com João Paulo podemos destacar alguns elementos que apareceram no desenvolvimento da entrevista: A auto estima tem sido um elemento presente em sua vida, por ele acreditar no seu potencial de mudança e que é possível desenvolver um trabalho pela vontade de acertar. Neste caso poderíamos dizer que ele assimilou o desenvolvimento pessoal em querer ir adiante até concretizar a experiência. Por outro lado vê-se também uma visão de empreendedor que não quis ficar no prejuízo, quando não deu certo o segundo e o terceiro lotes de aves, preferiu analisar o que havia acontecido de errado e tentar mais uma vez, com bastante otimismo, na tentativa de obter o lucro esperado. Por ultimo, ele tem a consciência de que a questão agrária é uma determinante na vida para as famílias atingirem um sucesso e encontrarem uma saída com terra para desenvolver uma agricultura familiar de subsistência. Vale destacar que João Paulo tornou visíveis as quatro áreas de formação do ADL, que falamos em outro momento deste trabalho.

#### **4.5 – Participação no Conselho Tutelar**

Um dos objetivos na formação dos ADL's é o desenvolvimento da cidadania, na perspectiva de que ele se torne protagonista de sua própria historia, construindo e conquistando as políticas públicas, através dos Conselhos, Sindicatos e organismos sociais. A existência no currículo de formação dos ADL's das questões ligadas à cidadania leva a juventude a se comprometer com os seguimentos da sociedade e com os movimentos sociais, tentando mudar as estruturas de poder através de uma forma participativa e propositiva nas comunidades.

**José Aldabiran**, de 22 anos, foi o primeiro jovem do distrito de Sapucarana a se associar ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bezerros, participando como representante do mesmo nos Congressos Deliberativos da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco - FETAPE, na qualidade de jovem trabalhador rural. Partindo da necessidade de ter um representante da comunidade no Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, o Grupo de jovens e a Associação de Moradores analisaram os jovens que corresponderiam ao perfil de conselheiro e indicaram Aldabiran para representá-los no Conselho Tutelar da Criança e do Adolescentes de Bezerros. Foi feita a campanha eleitoral através do porta a porta, com conversas junto às

peças da comunidade, visitas às escolas e associações. O jovem foi eleito em 2º lugar, com 397 votos. Sapucarana passou a ter um representante no Conselho Tutelar do município dos Bezerros.

Hoje Aldabiran presta um serviço à sociedade dedicando parte do seu tempo para solucionar os problemas advindos das crianças e adolescentes Bezerrenses. A participação de Aldabiran na formação do SERTA contribuiu para sua vitória, por ser alguém que estava ligado aos movimentos sociais. Aldabiran também faz parte do projeto Granja Mania sendo um dos elementos que acredita na organização e alternativas tecnológicas que aprendeu como Agente de Desenvolvimento Local – ADL. Segundo Aldabiran, “o projeto da granja mania está continuando porque existem quatro pessoas que ainda acreditam que é possível levar adiante. As dificuldades que encontramos na questão da comercialização e nas perdas que tivemos fez com que os outros desistissem. Também houve por parte de alguns a falta de interesse em levar o projeto adiante”.

Analisando a entrevista realizada com Aldabiran percebemos que o engajamento dele no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e no Conselho Tutelar são indicadores de participação cidadã na vida da comunidade. Um fato que chamou a minha atenção foi a liberdade de participação de cada um apresentado por Aldabiran, principalmente quando se trata de uma experiência de trabalho coletivo. Outro fator que aparece como destaque é a comercialização do produto que por falta de propaganda tende a ficar no prejuízo.

#### **4.6 - Os Impactos Econômicos**

Ficam visualizados a partir do que foi apresentado, pela opção dos jovens terem aderido a um projeto de forma coletiva. Cada um tinha o livre arbítrio em fazer uso dos recursos da maneira que quisesse aplicá-los. A opção pelo projeto da granja mania dentre vários modelos apresentados foi o que mais atraiu a atenção dos jovens ADL's. Esperava-se outro resultado mais satisfatório, porém não se fez uma análise prévia das questões ligadas às dificuldades da comercialização, perdas por doenças, despesas quando os lotes não atingiam a meta nas vendas.

Anselmo, líder comunitário de Sapucarana, nos falou o seguinte:

“O projeto da granja mania foi muito bom, devido às experiências adquiridas em relação ao trabalho coletivo, como também das dificuldades encontradas durante o

desenvolvimento do projeto e as maneiras buscadas pelos jovens para enfrentar os problemas e solucioná-los”.

Já nas questões sociais vamos ter os impactos provocados pelo novo que os jovens aprendem e querem oportunizar as mudanças de sustentabilidade para a natureza, em geral. É difícil aceitar o novo modelo apresentado quando existe toda uma cultura predominante tradicional. O interessante na formação dos ADL's é que eles procuram aplicar o novo conhecimento, respeitando a cultura dos seus pais e dos mais velhos. A transformação é feita a partir de pequenos experimentos e de resultados obtidos com a comparação do que já existia. Ao perceberem os resultados na qualidade e nos meios de como produzir “organicamente”, as pessoas começam a aderir à nova proposta. Para concretizar o aprendizado, os jovens oferecem seus préstimos a entidades parceiras na sua formação como é o caso da Fundação Santuário das Comunidades.

#### **4.7 – Fundação Santuario Das Comunidades**

A Fundação Santuário das Comunidades é uma organização que congrega as Comunidades Eclesiais de base das Dioceses de Caruaru, Pesqueira e Garanhuns. Existe um espaço físico onde são realizados grandes e pequenos eventos. Dentre as atividades, se prima pelo meio ambiente e a convivência com o semi-árido de forma alternativa. Os Jovens de Sapucarana contam com a parceria da Fundação Santuário das Comunidades para colocar em prática as tecnologias alternativas. Os jovens assumiram um compromisso em participar das hortas orgânicas no Santuário das Comunidades, numa maneira de repassar as tecnologias que estão aprendendo na Escola para os trabalhadores e trabalhadoras rurais ligadas as Comunidades Eclesiais de Base.

Em meio às colocações das pessoas entrevistadas podemos pensar que se torna possível a realização de um projeto específico de melhoria de qualidade de vida. Sabemos do conjunto de dificuldades que envolvem a elaboração de um projeto dessa magnitude, mas tal proposição é um desafio que tenderá a ser fortalecido caso haja um maior envolvimento das famílias e da sociedade em geral. Um outro ponto que destacamos durante a realização das entrevistas se refere, basicamente ao nível de qualidade de vida das famílias locais. Ao nosso entender essas famílias, em sua maioria, estão subjugadas à uma cultura de dominação, em grande medida do clientelismo político bastante arraigado na região, onde o público é subsumido pelos interesses privados da “casa grande”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lamentavelmente não tem como vivenciar em grande escala, na comunidade de Sapucarana à prática do PADRS [Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável], e as tecnologias alternativas aprendidas no SERTA. Os agricultores familiares temem mudar para novas práticas agrícolas, devido ao risco que elas podem apresentar ao seu frágil equilíbrio econômico. Além disso, a terra já está em péssimo estado de conservação e as que ainda não estão comprometidas com o desgaste provocado pelas contaminações dos agrotóxicos, seriam um alvo para as pragas vizinhas. Trazer à discussão o envolvimento dos jovens de Sapucarana neste trabalho, não deixa de ser uma maneira de dar visibilidade aos atores sociais do território agreste central de iniciativas de transformação para um desenvolvimento sustentável.

As ambigüidades apareceram durante a pesquisa, principalmente no tocante à educação, quando se verifica através das entrevistas que o ensino da escola local é considerado o melhor do município, mas as arestas em relação a educação deixam a desejar, principalmente pelo currículo das disciplinas que não trabalha a questão voltada para o meio ambiente e sua sustentabilidade.

As relações de poder entre latifundiários, pequenos produtores rurais e trabalhadores rurais sem terra, que vivem do trabalho da mão de obra temporária, o chamado "alugado", se contrapõe à proposta de formação do SERTA no que diz respeito ao desenvolvimento social, da cidadania, das tecnologias e dos negócios na perspectiva da construção do desenvolvimento rural sustentável. Outro entrave que durante o decorrer do trabalho nos deparamos é com a comercialização da produção dos agricultores familiares, que vivem na dependência dos grandes produtores e atravessadores local.

Faz-se necessário trabalhar uma política de inclusão social da juventude rural no acesso às políticas públicas, a política fundiária e na conquista de sua cidadania para que os jovens deixem de viver na "invisibilidade". Para mim, a participação da juventude no Desenvolvimento Rural Sustentável ainda se arrasta lentamente com pequenos sinais de querer mudar a realidade. Na perspectiva de formação que os jovens e adolescentes recebem no SERTA, as mudanças na realidade começam acontecer quando eles passam ser os protagonistas da suas histórias de vida, provocando os impactos econômicos, sociais e humanos na construção da sustentabilidade do desenvolvimento rural.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo – Desenvolvimento Rural Territorial e Capital Social (a formação do capital social exige uma ação voltada especificamente à juventude que vive no interior do país).

ABRAMOWAY, Ricardo, et alii (1998) Juventude e agricultura familiar: desafio de novos padrões sucessórios. Brasília, edições Unesco.

DURSTON, John. Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. Santiago do Chile: CEPAL, 1998a.

Carneiro, M. J. (1998) O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In Silva, F, C. Teixeira da; Santos R. e Costa, I.F.C, MUNDO RURAL E POLITICA, Ensaio interdisciplinares. Rio de Janeiro, Campus.

MOURA, Abdalaziz de, - PEADS – Proposta Educacional ao Desenvolvimento Sustentável – 2003. Publicação SERTA – Um Olhar Sobre a Microrregião da Bacia do Goitá – Pernambuco - 2005.

\_\_\_\_\_ De que somos capazes; Uma experiência de protagonismo juvenil na bacia do Goitá – PE/ Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, 2006

SEPÚLVEDA, Sérgio – Desenvolvimento Sustentável Microrregional – Brasília - IICA, 2005.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel; – Juventude Rural: Vida no Campo e Projeto para o Futuro – Pesquisa; Recife – maio 2006.

\_\_\_\_\_ Revista Marco Social, Agosto 2006

Haddad, Paulo R; - Jovens lideranças no processo de desenvolvimento local endógeno – Artigo – Revista Marco Social; agosto 2006.

Baduschi, Luiz Carlos; A Juventude rural e os desafios do desenvolvimento local Artigo – Revista Marco Social, agosto 2006.